

## **As agendas culturais da Guerra Fria e o “Programa Ideológico” a CIA e a Fundação Ford na atração às elites intelectuais<sup>1</sup>**

**Wanderson Chaves**

Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP)

### **Resumo**

Tratamos, neste artigo, do desenvolvimento de propostas norte-americanas de atração às elites intelectuais na Guerra Fria. O foco de trabalho é a criação e gestão do Programa Ideológico “U. S. Doctrinal Program”, de formação e arregimentação de quadros de esquerda, particularmente em áreas do mundo em “desenvolvimento”. Sua execução, entre os anos 1950 e 1960, era responsabilidade dos vários órgãos de política externa dos EUA, destacadamente a CIA, tendo em vista a estratégia ser secreta em seus quesitos mais fundamentais. Na estrutura do seu modelo de operações estava um tripé, formado por órgãos governamentais, não-governamentais e os beneficiários visados na estratégia. A Fundação Ford esteve entre os participantes mais instrumentais da ofensiva, tendo em vista seus compromissos institucionais com o deslocamento das esquerdas do neutralismo e do comunismo, que compunham o núcleo dessa proposta de intervenção. Baseado em pesquisa de fontes primárias, este trabalho tematiza a emergência de novas áreas de investigação intelectual e disciplinar, centradas nas Ciências Sociais, na modernização econômica e no “desenvolvimento”, como expressão dessa sofisticada tentativa de reorientação de disputas teóricas, políticas e ideológicas.

**Palavras-chave** Guerra Fria, intelectuais, CIA, Estados Unidos, Departamento de Estado, Fundação Ford.

### **Abstract**

In this paper, we will discuss the development of US proposals for the intellectual elite in the Cold War. The focus lies on the creation and the management of the Ideological Program “US Doctrinal Program”. Its main goal was the training and recruitment of leftist cadres, particularly in areas of the “underdeveloped world”. Implemented between 1950’s and 1960’s, its development was the responsibility of the various agencies of US foreign policy, notably the CIA. In the framework of its model of operations was a tripod, made up of government agencies, non-governmental organizations and the intended beneficiaries in the strategy. The Ford Foundation was among the most instrumental participants in the offensive, given its institutional commitments to the displacement of the left of neutralism and communism, which made up the core of this intervention proposal. Based on research of primary sources, this paper studies the emergence of new areas of intellectual and disciplinary investigation, focusing on Social Sciences, economic modernization and “developmentalism” as an expression of this sophisticated attempt to reorient policies, theoretical and ideological disputes.

**Keywords** Cold War, Intellectuals, CIA, United States of America, U. S. Department of State, Ford Foundation.

<sup>1</sup> Trabalho financiado pela FAPESP.

Os líderes soviéticos têm sido, claramente, bastante ágeis em avaliar em que medida a ênfase exagerada da política ocidental em perigos puramente militares é capaz de prejudicar a confiança nos Estados Unidos e na unidade do campo ocidental. Se uma das principais facetas da política soviética dos últimos três anos têm sido a exploração do tema da “paz” e o estabelecimento de um [movimento] de “paz” mundial como um disfarce para suas próprias políticas de guerra política, isto se deu porque a questão, como eles a vêem, lhes foi apresentada como que pronta pelos poderes ocidentais. O fato de eles terem sido capazes de perseguir seus próprios preparativos militares com completa ausência de publicidade e sem a necessidade de superar pressões parlamentares lhes colocou em uma posição vantajosa para posar como os protagonistas da paz em comparação ao mundo ocidental, que só poderia conseguir verbas militares fora dos seus corpos parlamentares através de uma ênfase constante nos perigos militares e na probabilidade de guerra. Os “Congressos pela Paz” soviéticos de 1952 representam o preço pago pelas democracias ocidentais por sua incapacidade em colocar a necessidade de rearmamento e aliança militar a seus povos em termos precisos e menos primitivos e, consequentemente, com menos exagero sobre as possibilidades de guerra.<sup>2</sup>

Os “Congressos Pela Paz Mundial” que vinham sendo realizados em todo o mundo praticamente sem interrupções desde agosto de 1948, quando se realizou o congresso de Wrocław, na Polônia, eram um verdadeiro sucesso, como notara um dos ideólogos da Guerra Fria, o formulador da “política de contenção”, George F. Kennan.<sup>3</sup> Eles faziam parte da estratégia internacional de combate às ações do Plano Marshall na Europa Ocidental, estabelecidos pelo Gabinete de Informações dos Partidos Comunistas e Operários, o Cominform.<sup>4</sup> A principal tese levantada nestes congressos<sup>5</sup> era a de que o Plano Marshall se

- 2 Tradução livre do original: “The Soviet leaders have of course been quick to sense the extent to which the overemphasis on the purely military danger in Western policy could be exploited to the detriment of confidence in the United States and unity in the Western camp. If one of main facets of Soviet policy for the past three years has been the exploitation of the “peace” theme and the building up of a worldwide “peace” moved as a cloak for its own political warfare policies, this is because the issue, as they saw it, was presented to them ready-made by the Western powers. The fact that they were able to pursue their own military preparations with complete absence of publicity and without the necessity of overcoming parliamentary pressure has placed them in an advantageous position to pose as the protagonists of peace vis-à-vis a Western world which could get military appropriations out of its parliamentary bodies only by a constant emphasis on military danger and the likelihood of war. The Soviet peace congresses of 1952 represent the price paid by the Western democracies for their inability to put the need for rearmament and military alliance to their peoples in less primitive and accurate terms and for their consequent overemphasizing of the prospect of war”. Despacho de George F. Kennan, da Embaixada dos Estados Unidos em Moscou para o Departamento de Estado, de 8 de setembro de 1952. Disponível em: <<http://www.gwu.edu/~nsarchiv/NSAEBB/NSAEBB14/doc1.htm>>. Acesso em: 17 fev. 2009.
- 3 Primeiro diretor (1947-49) do Policy Planning Staff, do Departamento de Estado e articulador do Plano Marshall.
- 4 Órgão de política externa soviética, o Cominform foi projetado por Stalin, como sucedâneo da Terceira Internacional (Comintern), para atuar na articulação do movimento comunista e de esquerda internacional. Fundado em 1947, foi extinto em 1956.
- 5 Entre 1948 e 1949, foram realizados os congressos de Wrocław, Paris, Praga e Nova Iorque, nos quais o

articulava a uma proposta de domínio continental da Europa, a ser realizada com medidas de agressão, para remodelar a vida política e econômica, e com preparativos de uma nova guerra, já iniciados com a reativação da economia alemã. Era uma aplicação, segundo o Cominform, dos direitos dos EUA de intervirem em todo o planeta, anunciado na Doutrina Truman.<sup>6</sup> Com formulações deste tipo, os congressos vieram a dar publicidade à acusação, da qual o governo norte-americano demonstrou dificuldade em se dissociar, de que eram fascistas as estratégias e justificativas teóricas da sua política diplomática.<sup>7</sup>

Por meio desses eventos, o Cominform vinha tentando reafirmar entre as esquerdas a crença de que a realização de seus ideais anticapitalistas e igualitaristas encontravam um repositório natural nas políticas soviéticas. Os “Congressos pela Paz Mundial” se firmaram, em todo o mundo, como eventos mais abrangentes e atraentes que as pautas primárias do combate à política externa norte-americana e a ostensiva exposição da URSS como utopia e “espelho do futuro global” que motivaram o evento, ao reunir, na sua realização, integrantes de um grande arco de tradições e organizações de esquerda. Stalinistas e anti-stalinistas estiveram bem representados.<sup>8</sup>

O governo norte-americano, respondendo às investidas mundiais da URSS entre as elites políticas e o mundo intelectual, voltou-se para a elaboração de respostas à estratégia de “iniciativas de paz” e atração às esquerdas, encarnadas nestes congressos. No Departamento de Estado, avaliava-se que o sucesso da União Soviética provinha do segredo que ela vinha sendo

Cominform construiu o modelo de evento que a organização promoveria pelos próximos cinco anos, em todo o mundo, com periodicidade praticamente semanal. Já nos anos 1950, os principais eventos dessa agenda mundial de congressos foram: o American Continental Congress of Peace Partisans (Montevideu, março de 1951), o Third World Youth Festival (Berlim, agosto de 1951), o World Peace Council (Viena, novembro de 1951), o Council of International Union of Students (Bucareste, setembro de 1952), o Asian and Pacific Regions Peace Conference (Pequim, outubro de 1952), e o World Congress of Peoples for Peace (Viena, dezembro de 1952). Ver: Relatório, “Communism in the Free World: Capabilities of the Communist Party, Guatemala”, do Office of Intelligence Research, do Departamento de Estado, em 1º de janeiro de 1953. Disponível em: «<http://www.mtholyoke.edu/acad/intrel/coldwar/guatemala13.htm>». Acesso em: 29 mar. 2010.

6 IBER, Patrick Justus. *The Imperialism of Liberty: Intellectuals and the Politics of Culture in Cold War Latin America*. 2011. 565 f. Tese (Doutorado) – Department of History, University of Chicago, Chicago, 2011, cap. 3, pp. 146 et seq.

7 SAUNDERS, Frances Stonor. *The Cultural Cold War: The CIA and the World of Arts and Letters*. New York: The New Press, 2000, pp. 25-7. Para o setor do Departamento de Estado representado por George Kennan, que acreditava que a fonte do poder internacional soviético era fundamentalmente ideológica, estas acusações se sustentavam porque os EUA não teriam estabelecido uma frente ideológica comparável à sua frente militar para os enfrentamentos da Guerra Fria. Ver: HARLOW, Giles D.; MAERZ, George C. “Introduction”. In: KENNAN, George, F. *Measures Short of War: The George Kennan Lectures at the National War College, 1946-1947*. Washington D.C.: National Defense University Press, 1991.

8 SCOTT-SMITH, Gilles. “A Radical Democratic Political Offensive: Melvin J. Lasky, *Der Monat*, and the Congress for Cultural Freedom”. In: *Journal of Contemporary History*. V. 35, n. 2, 2000, p. 266.

capaz de manter em torno de seus movimentos e preparativos militares. Ao incrementar seu potencial bélico e atômico discretamente, expondo-se apenas em ações de caráter eminentemente cultural e político, a URSS vinha garantindo, segundo essa análise, que sua divulgação como “trincheira contra o racismo”, centro dinâmico do “proletariado internacional” e lugar de “progresso e justiça social” fosse sempre bem recepcionada. O Departamento de Estado sugeriu à Casa Branca que adotasse a mesma estratégia, projetando que o Cominform enfrentaria dificuldades para combater sua proposta democrática caso fosse restringido ou anulado o impacto público dos aspectos militares de suas investidas externas. Os Estados Unidos poderiam se livrar das acusações de truculência e de imediata associação à direita política e assim atrair a simpatia das esquerdas.<sup>9</sup>

Foi no documento NSC 68, definido para servir ao destaque dos aspectos ideológicos do enfrentamento entre a agenda soviética e a norte-americana, que se estabeleceu uma das mais importantes formulações para essa proposta de desarticulação pública entre as iniciativas militares e políticas.<sup>10</sup> Aprovado pelo presidente em abril de 1950, este ato do Conselho de Segurança Nacional constituía-se em duas camadas. Em primeiro plano, o exame das perspectivas de enfrentamento entre Estados Unidos e União Soviética em caso de deflagração de guerra nuclear entre os países, avaliação acompanhada de planejamento para cenários em que a URSS dispusesse de maior capacidade nuclear. Em um segundo plano, o NSC 68 tratava do estabelecimento de um modelo de operações que consolidasse e desse pleno exercício à Doutrina Truman, o que era uma dura rejeição à aposta no isolamento do país. Por isso, a defesa de que a liberdade para destruir o sistema soviético e para construir uma comunidade internacional identificada à tradição política norte-americana fosse o princípio da atuação externa dos Estados Unidos. Sugeria-se, no documento, que a estratégia se realizasse preferencialmente por canais diplomáticos, empregando-se medidas econômicas, políticas e “psicológicas”, mas que também fosse incrementado o aparato militar nacional e de países aliados, visando ao combate aos objetivos de domínio e predominância política internacional da União Soviética nas duas frentes.<sup>11</sup>

O argumento era que para vencer as pretensões hegemônicas do Kremlin seria preciso, antes de tudo, conter a atuação do Partido Comunista (PCUS) e dos serviços de

9 Relatório “The Soviet ‘Peace’ Offensive”. Anexo do memorando de Walter K. Schwinn [Escritório de Relações Públicas: Departamento de Estado] de 22 de novembro de 1949. In: National Archives and Records Administration (de agora em diante, NARA). RG 59: Department of State. Office of the Assistant Secretary for Public Affairs. Office of Public Affairs. Office of the Director. (ca. 1949-1953). Series: Subject Files, compiled 1944-1952. Box 8.

10 LUCAS, Scott. “Culture, Ideology, and History”. In: *Global Dialogue*. V. 3, n. 4, 2001, passim.

11 NSC 68: United States Objectives and Programs for National Security. Disponível em: «<http://www.fas.org/irp/offdocs/nsc-hst/nsc-68.htm>». Acesso em: 28 out. 2008.

inteligência da União Soviética, organizações consideradas seus principais veículos de política externa. O foco deveria estar sobre as “suas campanhas pela paz”, sua estratégia de “defesa dos povos colonizados” e sua proposta de identificação das “utopias e esperanças comunistas” ao “sistema soviético”. Conforme exposto no NSC 68, essas ações da URSS encontravam uma audiência especialmente receptiva em sociedades asiáticas naquele momento, região que se mostrava “vulnerável à propaganda comunista” sobre a rápida transição da URSS de uma situação de atraso à posição de grande potência mundial após a Revolução de 1917.<sup>12</sup>

Pretendia-se, com o NSC 68, que o governo dos Estados Unidos, principalmente por meio de iniciativas não-militares, impedisse o Kremlin de permanecer divulgando seu regime como “modelo científico de sociedade” e de se firmar como referência de uma “nova fé universal”. Para tanto, seriam quatro as áreas básicas de intervenção:

- a) Segurança Doméstica: combate à penetração de organizações e indivíduos com ligações soviéticas ou informados por suas ideias nas instituições sociais e políticas norte-americanas, de maneira a tornar os Estados Unidos a melhor e mais importante barreira aos avanços soviéticos.
- b) Propaganda: extensivo trabalho de esclarecimento do público norte-americano e mundial, acerca da urgência em se alinhar os povos do mundo aos esforços democráticos norte-americanos, de oposição às pretensões totalitárias soviéticas.
- c) Modernização: aprimoramento do estado político geral das áreas “atrasadas” do planeta, desviando-as dos avanços soviéticos e antecipando-se a eles através de medidas creditícias e de assistência, como previsto no Programa Ponto Quatro.
- d) Defesa Militar: proteção das posições nacionais britânicas e de demais potências coloniais europeias, no sul e sudeste asiáticos principalmente, e apoio à sua permanência em posições geográficas estratégicas de outros continentes.<sup>13</sup>

Confirmava-se com o NSC 68 o movimento em direção ao emprego extensivo e generalizado de ações secretas e de guerra não-convencional pelo governo dos Estados Unidos, processo que remontava à promulgação do documento NSC 10/2, do Conselho de Segurança Nacional, ainda em fevereiro de 1948. Medidas de sabotagem econômica, disseminação de propaganda, infiltração política, assistência a grupos de guerrilha e resistência clandestinos, e ações de subversão e agressão direta e preventiva contra “estados inimigos”, que já vinham sendo tomadas pelo escritório de Paris da administração do Plano Marshall e pelo Office of Special Operations (OSO) – o serviço de espionagem e contra-espionagem da CIA,<sup>14</sup> são

<sup>12</sup> NSC 68: United States Objectives and Programs for National Security.

<sup>13</sup> *Ibidem*.

<sup>14</sup> Relatório “The Development of American Psychological Operations, 1945-1951”, de Edward P. Lilly. In: NARA. General CIA Records. CREST: 25-Year Program Archive. ESDN: CIA-RDP86B00269R000900020001-9, p. 52-3. Memorando do vice-diretor da CIA, Allen W. Dulles, para o

reorganizadas e institucionalizadas sob o Office of Policy Coordination (OPC). Ligado à Agência Central de Inteligência, e respondendo aos departamentos de Estado e Defesa, o OPC foi criado para exercer essas funções com grande liberdade.<sup>15</sup>

Nesse período de dois anos, até a edição do NSC 68, sedimentaram-se dois processos que envolviam diretamente o protagonismo da CIA: primeiro, a constituição de um poderoso ramo dedicado à realização de ações secretas, movimento que direcionou a Agência para a divisão operacional entre uma área dedicada a espionagem e grandes operações clandestinas, e outra, restrita à produção de informação para a comunidade de inteligência;<sup>16</sup> segundo, a adesão da CIA a um modelo de operações informado pelo princípio de “guerra total” conforme a tradição de serviços secretos da Segunda Guerra, como o da OSS, que se definiam pela mobilização massiva e intensa de mão-de-obra intelectual e pela construção de políticas de combate chamadas de “integrais”, que miravam principalmente em aspectos extra e para-militares.<sup>17</sup>

O governo dos Estados Unidos, em resposta aos “Congressos pela Paz Mundial” e demais investimentos da União Soviética na adesão das elites e classes intelectuais, vinha por essa época tentando articular um movimento similar, que não apenas empregasse a força de trabalho intelectual – como vinha sendo tentado através da OPC e atividades regulares da CIA –, mas que apelasse diretamente ao “poder de influência” dos intelectuais com o público, como “ideólogos” e como veículo de divulgação, estimulando a identificação às propostas da agenda internacional norte-americana.<sup>18</sup>

### A CIA e o Programa Ideológico

Os bolcheviques têm se engajado, nos últimos 35 anos, em um esforço massivo e abrangente de conversão à sua interpretação da doutrina comunista internacional. Por todo esse período, eles

diretor da CIA, William H. Jackson, de 24 de maio de 1951, p. 7-8. ESDN: CIA-RDP80R01731R001100120001-0. In: NARA. General CIA Records. CREST: 25-Year Program Archive.

15 AMERINGER, Charles D. *U. S. Foreign Intelligence: The Secret Side of American History*. Lexington, Massachusetts: Lexington Books, 1990, pp. 205-6.

16 *Ibidem*, cap. 17.

17 GREMION, Pierre. “The Partnership between the Ford Foundation and the Congress for Cultural Freedom in Europe”. In: GEMELLI, Giuliana (E.). *The Ford Foundation and Europe (1950’s-1970’s): Cross-fertilization of Learning in Social Science and Management*. Brussels: European Interuniversity Press, 1998, p. 140. NOBLE, Andrew V. *Bullets and Broadcasting: methods of Subversion and Subterfuge in the CIA War against the Iron Curtain*. 2008. 150 f. Dissertação (Mestrado) – University of Nevada, Reno, 2008, pp. 35-42.

18 Relatório “The Soviet ‘Peace’ Offensive”. Anexo do memorando de Walter K. Schwinn [Escritório de Relações Públicas: Departamento de Estado] de 22 de novembro de 1949, p. 3.

colocaram firmemente que o avanço em direção à dominação mundial requereria a ênfase concomitante em três fatores fundamentais – o militar, o econômico e o ideológico. Essa tripla ênfase seguiu o padrão dos nossos [movimentos] de expansão nacional passados, [baseados, igualmente] no rifle, no arado e na Bíblia. [...] Em nossos esforços tardios, de resposta a este desafio, fortalecemos principalmente duas de nossas armas – a militar e a econômica –, mas falhamos em enfatizar, na mesma medida, o terceiro elemento – o doutrinal ou ideológico –, o elemento que os líderes soviéticos têm desenvolvido nos últimos trinta anos através de intensa experimentação. Nos Estados Unidos, dificilmente se aceitaria que o comunismo tem maior apelo apenas entre as massas desprivilegiadas. Sabe-se que as multidões de famintos representam um bom material para uso da liderança comunista, mas é um fato, também, que o comunismo se reproduz menos em barrigas vazias do que em mentes vazias. Os comunistas não teriam alcançado suas conquistas passadas caso não tivessem apelado aos líderes de opinião de todos os lugares e aos filhos e filhas dos membros influentes da intelligentsia.<sup>19</sup>

Sob análise da Junta de Estratégia Psicológica,<sup>20</sup> esta avaliação expunha a convicção de setores da diplomacia e comunidade de informações dos Estados Unidos de que as ações de política internacional da União Soviética não estavam sendo inibidas pelas estratégias norte-americanas de combate às organizações e divulgação comunistas. O Conselho de Segurança Nacional havia acirrado essa posição desde a promulgação do documento NSC 10/5, de 23 de

19 Tradução livre do original: “For thirty-five years, the Bolsheviks have been engaged in a massive, comprehensive effort to make converts to international communism, as Communism doctrine in interpreted by them. Throughout this period, they have consistently assumed that progress toward world domination required the co-equal emphasis on three basic factors – the military, the economy, and the ideological. This tripartite emphasis follows the pattern of previous national expansions – theirs as well as our own – the rifle, the plough, the bible. (...) In our belated efforts to meet this challenge, we have greatly strengthened two of our weapons – the military and the economy – but we have failed to emphasize to anything like the same degree the third element – the doctrinal or ideological – which the Soviet leaders have developed, through thirty years of intensive experimenting. It is hardly assumed in the U.S. that Communism has its greatest appeal only to underprivileged masses. It is true that hungry mobs are good material for the uses of the Communist leadership, but it is also a fact that Communism breeds less in empty bellies than in empty minds. The Communists could not possibly have achieved their past conquest if they had not appealed to thought leaders everywhere and the sons and daughters of the influential intelligentsia”. Vide: Projeto “U.S. Doctrinal Program (for Board Approval)”. Apenso do memorando de George A. Morgan [diretor interino da Junta de Estratégia Psicológica], de 5 de maio de 1953. Anexo A, p. 4-5. ESDN: CIA-RDP80R01731R003200050006-0. In: NARA. General CIA Records. CREST: 25-Year Program Archive.

20 Comitê interdepartamental de atividades de inteligência, vinculado ao Conselho de Segurança Nacional. Operou entre 1951 e 1953. Eram integrantes da Junta o subsecretário do Departamento de Estado, o vice-secretário do Departamento de Defesa, o assistente especial ao Presidente para Guerra Psicológica, o assistente especial ao Presidente para Assuntos de Segurança Nacional e o diretor da CIA. O diretor do Federal Bureau of Investigation (FBI) e o diretor da Autoridade Nacional em Energia Atômica eram membros convidados. Bastante atuante no governo Truman, foi sucedida pela Coordenadoria de Operações no governo Eisenhower. LUCAS, Scott. “Campaigns of Truth: The Psychological Strategy Board and American Ideology, 1951-1953”. In: *The International History Review*. V. 18, n. 2, 1996.

outubro de 1951, ao determinar que fossem executadas ações mais radicais e eficazes para firmar adesão aos pressupostos anticomunistas.<sup>21</sup>

Na avaliação da CIA, secundada pelo restante da comunidade de informações, era crescente a aproximação entre o Kremlin e as nações da Europa Ocidental, América Latina, Sudeste Asiático e Oriente Médio, principalmente sob a forma de intercâmbio cultural e trocas comerciais. Verificava-se que essa aproximação vinha impactar países que os EUA consideravam aliados, já que eles davam demonstrações de abertura ao regime de Moscou ou de que poderiam buscar uma reorientação política. Este movimento dava indício de fragilidades a serem combatidas ideologicamente, já que, para a CIA, se manifestava como um problema que tinha origem no padrão de cultura e de civismo destes países, considerado vulnerável à propaganda soviética. Para moldar posições e valores resistentes à “sedução” das ideias comunistas, esta agência sugeriu ao governo dos Estados Unidos privilegiar os meios secretos no desenvolvimento de um novo “clima de opinião”.<sup>22</sup>

Segundo análise da Junta de Estratégia Psicológica, as medidas de cooperação técnica, intercâmbio educacional e expansão das linhas de crédito para organizações e governos de todo o mundo, estabelecidas ainda em 1949, no Programa Ponto Quatro, não vinham surtindo efeito contra o “antiamericanismo”, especialmente o estimulado pela União Soviética em seus programas externos. Principal administradora dessas iniciativas oriundas do Ponto Quatro, a Mutual Security Agency<sup>23</sup> designava, para eles, a crença equivocada, e problemática da ótica dos enfrentamentos da Guerra Fria, de que a pobreza seria o mais importante elemento de atração para o comunismo. A Junta, por apostar que o comunismo não atendia exatamente a um estímulo das carências materiais, afirmava que era através do cultivo moral e intelectual das elites e lideranças que se deveria buscar conquistar o apoio das massas. Defendia-se, tendo em vista o poder desses quadros para estimular a adesão dos países

21 Ampliava-se, com este documento, a autoridade e a liberdade da CIA para desenvolver, principalmente por meio de operações paramilitares, ações de espionagem e contra-espionagem e de apoio institucional e ideológico a governos e organizações anticomunistas. Ver: “Note on U.S. Covert Actions”. In: UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE. *Foreign Relations of the United States, 1964-1968, Volume XII, Western Europe*. Washington D.C.: U.S. Government Printing Office, 2001.

22 Projeto “A Strategic Concept for the Cold War Operations under NSC 10/5”, de 30 de junho de 1952. ESDN: CIA-RDP80R01731R003300080011-0. In: NARA. General CIA Records. CREST: 25-Year Program Archive. RUDGERS, David F. “The Origins of Covert Action”. In: *Journal of Contemporary History*. V. 35, n. 2, 2000, p. 257.

23 Rebaixada em recursos e em suas atribuições políticas, a Agência surgiu da fusão entre a Technical Cooperation Administration, órgão do Departamento de Estado que administrava programas de cooperação técnica e assistência humanitária, e alguns programas de assistência militar e econômica remanescentes do Plano Marshall.



a uma orientação política favorável aos Estados Unidos, que eram as suas suscetibilidades, e não as da pobreza, o objeto imediato de intervenção.<sup>24</sup>

Tomando essa postulação por princípio, iniciou-se no começo do segundo semestre de 1952 a formulação de uma estratégia de conquista da confiança e da fidelidade ideológica e política das classes intelectuais, para execução por todos os órgãos do governo dos EUA com atuação no exterior. Essa iniciativa, nos grupos de trabalho da Junta de Estratégia Psicológica, consolidou a formulação do “U.S. Doctrinal Program”, que era ao mesmo tempo diagnóstico e proposta de intervenção.<sup>25</sup> De particular importância, era sua conclusão de que jornais, revistas, programas de rádio e publicações literárias, disseminados pelos órgãos norte-americanos, eram impróprios às exigências e interesses do público intelectual. Avaliava-se que a União Soviética, empregando a sua rede de fraternidades, partidos, sindicatos, associações binacionais e grandes distribuidoras de livros – particularmente, duas delas, a Foreign Languages Publishing House e a International Book Publishers – vinha dirigindo a este público material cuja qualidade era considerada mais adequada e melhor reputada. Os EUA, com os programas jornalísticos e musicais irradiados pelo Voice of America, e com os filmes e publicações de apelo técnico e publicitário produzidos pelo United States Information System (USIS),<sup>26</sup> estariam apelando mais ao público de gosto popular e médio que ao intelectual.<sup>27</sup>

Segundo os grupos de trabalho responsáveis pela elaboração do U.S. Doctrinal Program, faltava aos programas norte-americanos o modelo de operações e a mesma formação de quadros, desenvolvidos pelos órgãos comunistas. Na atração aos intelectuais, o modelo de operações deles teria como principal característica a capilaridade, já que sua estrutura básica, a célula, era um instrumento de grande alcance como base de formação, de divulgação e de expansão institucional, possibilitando diálogo com segmentos do público intelectual que

24 Memorando à Junta de Estratégia Psicológica, “Combating (sic) Communist Influence among Students and Intellectuals”, de 27 de julho de 1953. ESDN: CIA-RDP80-01065A000200080005-3. In: NARA. General CIA Records. CREST: 25-Year Program Archive.

25 Posteriormente nomeado PSB D-33/2. Era originário de uma investigação encomendada ao então vice-diretor da CIA, Allen W. Dulles, pelo embaixador em Teerã, Loy W. Henderson, para monitoramento e avaliação das formas de interação entre estudantes e intelectuais iranianos e organizações comunistas. Projeto “U.S. Doctrinal Program (for Board Approval)”. Apenso do memorando de George A. Morgan [diretor interino da Junta de Estratégia Psicológica], de 5 de maio de 1953. Anexo A, p. 8-13.

26 Fundado em 1942 e ainda em operação, o Voice of America é um órgão oficial de rádio e teledifusão do governo dos Estados Unidos. Incorporado em 1946 ao Departamento de Estado, ele foi transferido em 1953, juntamente com o USIS, para formar a seção de uma nova agência de informações, a United States Information Agency (USIA).

27 Projeto “U.S. Doctrinal Program (for Board Approval)”. Apenso do memorando de George A. Morgan [diretor interino da Junta de Estratégia Psicológica], de 5 de maio de 1953. Op., cit., Anexo A, p. 8-13. Memorando à Junta de Estratégia Psicológica, “Combating (sic) Communist Influence among Students and Intellectuals”, de 27 de julho de 1953, pp. 1-2.

extrapolavam o universo mais restrito dos simpatizantes e militantes comunistas. A política de formação de quadros praticada nos partidos e fraternidades comunistas seria atraente por vincular os intelectuais a funções de liderança e consultoria correspondentes aos seus sentimentos de dignidade, orgulho e vaidade de ofício. O reconhecimento como segmento de elite, e a possibilidade de atuação em bases cosmopolitas e em circuitos internacionais, segundo a Junta, eram o grande atrativo das táticas de filiação empregadas por estas organizações.<sup>28</sup>

Para conquistar apoio e dificultar atividades de infiltração e o fácil acesso das organizações comunistas aos círculos políticos e culturais, o Conselho de Segurança Nacional sugeriu que o modelo de atuação soviético, particularmente nessas duas características, fosse imediatamente incorporado aos programas externos dos Estados Unidos.<sup>29</sup>

Os intelectuais da América Latina, do Oriente Médio e da Índia eram o principal objeto de intervenção, porque suas regiões representariam um foco especial de pobreza e resistência ao estilo de vida norte-americano. Além deles, a França era o outro grande foco, em razão do arraigado antiamericanismo intelectual francês e da popularidade e da importância do marxismo nas justificativas para essa recusa dos Estados Unidos. O marxismo, conforme era consenso na comunidade de informações, era o principal fundamento da afirmação de que o país era defensor do colonialismo e da estagnação de territórios coloniais e de nações recém-independentes, acusação que era problemática para a política externa norte-americana, particularmente nestas regiões que estavam sendo visadas para a ofensiva entre os intelectuais. Em uma era de descolonização, o marxismo estava se tornando a língua franca de muitos projetos de liberação nacional, posição de importância que era atribuída, pela Junta, à influência de organizações comunistas. Atuando como elementos de vanguarda, essas organizações estariam divulgando o modelo social e político soviético como via mais rápida para reformas sociais estruturais e o acelerado crescimento econômico, além de estimularem a adesão ao “racialismo” – a posições consideradas “antiocidentais” ou “antibrancas” –, mobilizando, desta forma, forças nacionalistas para posições de independência em relação aos Estados Unidos e às potências europeias.<sup>30</sup>

Esse diagnóstico, além de expor a prioridade dada ao monitoramento do nacionalismo nas “áreas pobres” do mundo, em razão das suspeitas de participação ou de infiltração comunista, estipulava posições sobre como lidar diplomaticamente com o

28 Projeto “PSB D-33”, de 28 de agosto de 1952. ESDN: CIA-RDP80R0173R003200050005-1. In: NARA. General CIA Records. CREST: 25-Year Program Archive. Memorando à Junta de Estratégia Psicológica, “Combatting (sic) Communist Influence among Students and Intellectuals”, de 27 de julho de 1953, pp. 1 e 3.

29 Projeto “PSB D-33”, de 28 de agosto de 1952. Op., cit. Memorando à Junta de Estratégia Psicológica, “Combatting (sic) Communist Influence among Students and Intellectuals”, de 27 de julho de 1953, pp. 1 e 3.

fenômeno. Grosso modo, todo nacionalismo seria considerado doutrina “antiamericana” se seus representantes e movimentos advogassem o neutralismo na Guerra Fria, e declarado intolerável, hostil à segurança norte-americana, se o marxismo fosse seu fundamento ideológico. A estratégia definida na Junta de Estratégia Psicológica, a ser realizada pela CIA, USIA, FOA<sup>31</sup> e departamentos de Estado e Defesa, era que o combate teórico ao marxismo e ao neutralismo eram características fundamentais da ofensiva junto aos intelectuais, e que o programa internacional de “reorientação ideológica”, pretendido com o U.S. Doctrinal Program, consideraria útil todo indivíduo ou grupo capaz de auxiliar na construção do “americanismo” como tema de interesse.<sup>32</sup>

Durante o período de consolidação dessas posições, a CIA e o Departamento de Estado mantiveram divergências sobre que abordagem utilizar em relação ao marxismo. Era recorrente no escalão técnico, operacional e executivo do Departamento de Estado a opinião de que era um erro tentar o esvaziamento do marxismo, já que ele incorporava elementos da tradição do pensamento ocidental, como o racionalismo e o humanismo iluminista, que eram defendidos na própria propaganda democrática norte-americana. Além disso, temia-se que essa ofensiva resultasse involuntariamente em publicidade, não em antipropaganda. Para estes profissionais, desconhecimento e ignorância das teses marxistas seriam melhores que sua divulgação, ainda que negativa, como estratégia a ser aplicada aos meios intelectuais.<sup>33</sup>

30 Relatório “The Report of the President’s Committee on International Information Activities”, de 30 de junho de 1953. In: UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE. *Foreign Relations of the United States, 1952-1954, Volume 2, National Security Affairs (in Two Parts), Part 2*. Washington DC: United States Government Printing Office, 1984, p. 1805-6, 1810. Projeto “United States Doctrinal Program”, cópia da USIA, de 15 de janeiro de 1954, p. 4. In: NARA. RG 59: Department of State. Bureau of Educational and Cultural Affairs. Office of the Assistant Secretary (1961 – 03/31/1978). Series: Subject Files, compiled 1961-1962, documenting the period 1950-1962. Box 2.

31 Estabelecidos em 1953, a United States Information Agency (USIA) e o Foreign Operations Administration (FOA) surgiram da reorganização dos órgãos e programas de política externa dos EUA. A USIA passou a conduzir a maioria das atividades de informação e divulgação, e a FOA, a maioria dos programas de cooperação técnica, militar e econômica, antes sob a responsabilidade do Departamento de Estado.

32 Projeto “United States Doctrinal Program”, cópia da USIA, de 15 de janeiro de 1954. *Op. cit.*, p. 7. Cronograma de trabalho “Outline Plan of Operations for the U.S. Ideological Program (D-33), da Coordenadoria de Operações, 16 de fevereiro de 1955, p. 1 e ss. In: NARA. RG 59: Department of State. Executive Secretariat (1954-1964). Subject and Special Files, compiled 1953-1961, documenting the period 1952-1961. Box 39.

33 Carta “R Comments on PSB Proposal (PSB D-33)”, sem autor e remetente, de 8 de setembro de 1952; memorando “Agenda Item Nº. 1 for PSB Meeting September 11 – Doctrinal (Ideological) Warfare against USSR”; e memorando de J. C. H. Bonbright [Escritório para Questões Européias: Departamento de Estado], para Howland H. Sargeant [Escritório de Relações Públicas: Departamento de Estado], de 9 de setembro de 1952. In: NARA. RG 59: Department of State. Office of the Secretary. Executive Secretariat (02/17/1947-1954). Series: Psychological Strategy Board Working Files, 1951-1953. Box 5.

Howard R. Penniman, cientista político que chefiou (1953-1957) a Equipe de Pesquisa Externa (ERS), o serviço de contatos e contratação do Departamento de Estado, também acusou as dificuldades dessa opção, na qual estavam sendo assentados os fundamentos da propaganda democrática. Penniman, um dos responsáveis por assessorar e servir a toda a comunidade de informações com especialistas do mundo acadêmico, considerou o lema “Mundo Livre” limitado como emblema da diferença entre EUA e URSS, representando um prejuízo às políticas de divulgação. Ele destacou quatro razões principais. Primeiramente, a ideia de “liberdade” não designaria a verdadeira natureza do conflito ideológico entre os países. Razão porque seria difícil sustentar, contra o teste da realidade, o “comunismo” como a antítese de “Mundo Livre”, e os EUA como a síntese democrática perfeita. Em segundo, em opinião que ia ao encontro daquela dos diplomatas de carreira, e da dos profissionais da USIA, lotados nas missões no exterior,<sup>34</sup> a noção de liberdade proposta estava colada à tradição norte-americana e à sua democracia liberal, e sua proposição levava a atritos com aliados potenciais particularmente no mundo colonial, em um momento em que se projetavam – inclusive como parte das lutas de liberação, diferentes sentidos de liberdade. Em terceiro, o lema “Mundo Livre” seria abstrato e de difícil tradução em forma de política e de propaganda, por ser uma noção resistente à universalização. Em quarto, a ideia de “Mundo Livre” seria inexpressiva ou antipática para quem buscava suas referências na União Soviética.<sup>35</sup>

Para Penniman, a resposta para a atração que o ideal revolucionário comunista despertava, de melhoramento humano e aceleração do ritmo de mudanças, era o “progresso”, tema que, como o da liberdade, também poderia ser trabalhado a partir das tradições da civilização norte-americana. Suas vantagens, segundo o chefe da ERS, eram estar mais próximo de aspirações da maioria das nações, que pretendiam maior velocidade na transformação de seus países, espelhar melhor as realizações materiais e humanas dos EUA, e beneficiada por sua materialidade, tocar o conflito ideológico entre as duas potências diretamente.<sup>36</sup>

O tema das elites era outro importante ponto de discordância, como destacou Charles Burton Marshall, membro da equipe do Policy Planning Staff, do Departamento de

34 Conforme se verificava do monitoramento das atividades do U. S. Doctrinal Program nas missões no exterior e da avaliação do programa pelos próprios profissionais de campo. BARNISHIEL, Greg. *Cold War Modernists: Art, Literature, & American Cultural Diplomacy*. New York: Columbia University Press, 2015, p. 267, nota 60.

35 Memorando de Howard R. Penniman (ERS: Departamento de Estado) para Allan Evans (Office of Intelligence Research: Departamento de Estado), de 19 de janeiro de 1955. In: NARA: RG 59: Department of State. Intelligence Bureau, Office of the Director, 1950-1959, Box 69.

36 Memorando de Howard R. Penniman (ERS: Departamento de Estado) para Allan Evans (Office of Intelligence Research: Departamento de Estado), de 19 de janeiro de 1955.

Estado. Trabalhando sob a direção de Paul Nitze, o principal autor do NSC 68, Marshall considerava a opção tática pela formação e arregimentação exclusivamente de elites intelectuais um risco para o desempenho diplomático do país e de sua propaganda democrática, uma vez que seria previsível, segundo ele, que os órgãos comunistas explorassem esse foco de investimento, como já era tradição, como um exemplo da orientação fascista e antipopular norte-americana para as relações internacionais.<sup>37</sup>

Allen W. Dulles, nomeado diretor da CIA por Dwight D. Eisenhower no início de 1953, pensava como o redator do NSC 68, para quem a derrota do “totalitarismo soviético” dependeria de um anticomunismo profundo e integral. Sua posição, como diretor da Agência, era a de que o combate ao marxismo era um princípio fundamental da luta antitotalitária, uma vez que ele era central entre as bases teóricas do comunismo. A proposta popular no segundo escalão do Departamento de Estado, de se atacar a hipocrisia das políticas soviéticas, com uma crítica à distância entre teoria e prática, era considerada perniciosa, porque, para Dulles, possibilitava a recuperação da ideologia comunista, transmitindo a mensagem de que ela poderia ser reformada ao invés de destruída. A aposta nas elites, segundo o diretor da CIA, também era por princípio antitotalitária. O combate à “infiltração comunista” se daria pela reintegração política e social entre elites e com os demais segmentos sociais, já que era da politização das “massas” e da exploração da desarticulação entre “elites” que essa infiltração obtinha seus efeitos. Por isso, a orientação do diretor da CIA de que o programa ideológico focasse o apoio e formação de quadros culturais, acadêmicos e de governo, nos altos círculos políticos e intelectuais, no engendramento de uma liderança unificada em torno de valores e programas políticos. Tratava-se de “guerra psicológica” pelas mentes e lealdades intelectuais, e deveria se fazer emprego, segundo recomendava, de medidas ainda mais agressivas de dissuasão e convencimento.<sup>38</sup>

Mudanças na organização e operação dos órgãos de política externa dos Estados Unidos, realizadas no início do governo Eisenhower, favoreceram Allen W. Dulles, ao definirem novos poderes para a CIA. A Agência aprofundou suas funções de agenciamento com a implantação das sugestões do Jackson Committee, um dos comitês elaborando naquele

37 Carta, “PSB D-33/2”, de C. B. Marshall [Policy Planning Staff: Departamento de Estado] para Walter J. Stoessel, Jr. [Escritório para Questões do Leste Europeu: Departamento de Estado], de 18 de maio de 1953. In: NARA. RG 59: Department of State. Office of the Secretary. Executive Secretariat (02/17/1947-1954). Series: Psychological Strategy Board Working Files, 1951-1953. Box 5.

38 Carta “R Comments on PSB Proposal (PSB D-33)”, sem autor e remetente, de 8 de setembro de 1952; memorando “Agenda Item Nº. 1 for PSB Meeting September 11 – Doctrinal (Ideological) Warfare against USSR”; e memorando de J. C. H. Bonbright [Escritório para Questões Europeias: Departamento de Estado], para Howland H. Sargeant [Escritório de Relações Públicas: Departamento de Estado], de 9 de setembro de 1952.

momento a reorganização do complexo diplomático e de inteligência. O Comitê, que trabalhou sob influência do próprio Dulles, reforçou a importância de empregarem-se mais profundamente instituições e cidadãos norte-americanos, no exterior, como veículos de atividades “psicológicas”, reservando à CIA o controle integral dos aspectos secretos da ofensiva entre elites intelectuais, particularmente as funções de treinamento e contratação de agentes locais.<sup>39</sup>

Divergências de ordem tática defrontaram a CIA e o Departamento de Estado, diferença que se consolidou em espécie de divisão de tarefas, em torno de escolhas sobre a forma de apresentação da proposta de “Mundo Livre” e a melhor proporção entre a propaganda do *american way of life* e a antipropaganda do regime soviético. A promoção dos EUA como vanguarda democrática internacional era central na noção de “Mundo Livre” a ser divulgada, sendo seu valor fundamental a defesa do Estado de Direito, a promoção de direitos, na forma de proteção de minorias e promoção da igualdade social, e a defesa das liberdades religiosa, civil, trabalhista, de propriedade e de privacidade. O Departamento de Estado e a CIA, na ofensiva entre intelectuais, dividiam-se entre esse mosaico de características da “Democracia na América” e o destaque dos aspectos “totalitários” do regime soviético. A CIA, particularmente, pendeu para uma especialização na “crítica antitotalitária”.<sup>40</sup>

Se havia diferença, disputa e variedade na definição dos meios, havia unidade na questão dos fins do programa ideológico, que eram claros quanto às metas da ofensiva. Dos intelectuais, particularmente os de esquerda e não-comunistas, pretendia-se sua mobilização

39 Todos os órgãos de política externa dos EUA assumiram funções de agenciamento após o Jackson Committee, mas, no que diz respeito aos U. S. Doctrinal Program, o trabalho de coordenação era secreto e cabia à CIA, reservando-se aos demais participantes, como a USIA, realizarem apenas os aspectos não-atribuídos do programa, as ações que eram secretas apenas na origem e que poderiam ser compartilhados com outros órgãos. Vide: memorando de Lyman B. Kirkpatrick [Inspetor Geral: CIA] para o diretor da CIA [Allen W. Dulles], de 16 de abril de 1953, ESDN: CIA-RDP80-010676R004300070003-7; relatório “Progress Report to the National Security Council on Implementation of the Recommendations of the Jackson Committee (NSC Action 866)”, da Coordenadoria de Operações, 30 de setembro de 1953, anexo A, p. 3-5, ESDN: CIA-RDP80-01065A000600150008-8; relatório “Report of the Department of State on Implementation of the Recommendations of the Jackson Committee Report (List A).”, anexo A, p. 3-7, ESDN: CIA-RDP80-01065A000600150005-1. In: NARA. General CIA Records. CREST: 25-Year Program Archive. Memorando “Preliminary Report on U.S. Doctrinal Program”, de Elmer B. Staats para a Coordenadoria de Operações, de 5 de agosto de 1954, p. 1 e ss., especialmente p. 10. In: NARA. RG 59: Department of State. Bureau of Educational and Cultural Affairs. Office of the Assistant Secretary (1961-03/31/1978). Series: Subject Files, compiled 1961-1962, documenting the period 1950-1962. Box 2.

40 Relatório “The Report of the President’s Committee on International Information Activities”, de 30 de junho de 1953. Idem, ibidem, p. 1796-7. Cronograma de trabalho “Outline Plan of Operations for the U.S. Ideological Program (D-33)”, da Coordenadoria de Operações, 16 de fevereiro de 1955, p. 1 e ss., especialmente p. 10; relatório “2nd Meeting of the ‘Doctrinal Warfare’ Panel, 28 November, 1952, 2:10 pm”; e memorando para arquivamento de 2 de dezembro de 1952, sem autor. In: NARA. RG 59: Department of State. Office of the Secretary. Executive Secretariat (02/17/1947-1954). Series: Psychological Strategy Board Working Files, 1951-1953. Box 5.

para a transformação da vida política e intelectual das regiões visadas, a Europa Ocidental, o Norte da África, a América Latina, a Índia e o Sudeste Asiático. Deles, esperava-se a iniciativa e a capacidade de alterar a forma de atuação das esquerdas, em particular, suscitando a eliminação da ameaça comunista e fortalecendo a identificação com o bloco “ocidental”. Certos princípios de ação deveriam guiar esses quadros:

- a) A defesa de táticas estritamente legalistas, anti-revolucionárias e associadas aos marcos do chamado Estado de Direito, para acesso aos meios executivos do Estado.
- b) A defesa de programas políticos baseados em referenciais “realistas” e não-utópicos de implantação das promessas de governo.
- c) A universalização da idéia de liberdade, como articulada na tradição política e religiosa dos EUA.
- d) A crítica das imagens negativas sobre os baixos padrões da vida cultural e intelectual norte americana.<sup>41</sup>

Economistas e cientistas sociais eram os preferidos para essa tarefa de criação de um novo pensamento político de esquerda,<sup>42</sup> e nas funções de agenciamento e recrutamento da CIA, se privilegiaria, fundamentalmente:

- a) A promoção e distribuição de material dirigido às elites.
- b) A infiltração de agentes em jornais e universidades.
- c) A realização de conferências e fóruns temáticos.
- d) A criação institucional, para efeitos dissuasórios e disruptivos entre os elementos hostis aos objetivos norte-americanos.<sup>43</sup>

Tratava-se de encontrar contatos adequados nos lugares e grupos visados, e a CIA privilegiaria os meios privados e não-governamentais como universo de busca, utilizando prerrogativas já estabelecidas em atos de governo. Estava regulamentada, desde 1948, na norma de inteligência n. 7, do Conselho de Segurança Nacional, o direito da Agência de recrutar cidadãos e instituições privadas norte-americanas para operações externas e para a coleta de informação.<sup>44</sup> Desde 1953, a delegação para explorar estes canais para atividades secretas e de

41 Projeto “United States Doctrinal Program”, cópia da USIA, de 15 de janeiro de 1954. Op. cit., p. 5, II-2, 15-7.

42 Jornalistas e lideranças partidárias, estudantis e sindicais também eram visados, mas seu agenciamento era menos massivo e abrangente, comparativamente. Cf.: Projeto “United States Doctrinal Program”, cópia da USIA, de 15 de janeiro de 1954, *passim*.

43 Projeto “PSB D-33”, de 29 de junho de 1953. Anexo “B”. In: NARA. RG 59: Department of State. Office of the Secretary. Executive Secretariat (02/17/1947-1954). Series: Psychological Strategy Board Working Files, 1951-1953. Box 5.

44 Instrução do Conselho de Segurança Nacional, “National Security Intelligence Directive Nº. 7. Domestic

inteligência se tornou prerrogativa exclusiva da CIA, quando Allen W. Dulles definiu o papel da Agência no controle de circulação dos dados trocados entre os órgãos de governo dos EUA e fundações, empresas e cidadãos do país com atuação no exterior. A Divisão de Contatos da CIA assumia a função de balcão de atendimento, encaminhando pedidos de monitoramento e repassando aos órgãos de política externa, através das suas respectivas seções de inteligência, informações sobre indivíduos e organizações.<sup>45</sup>

A reivindicação de época, de que o vínculo entre iniciativas governamentais e privadas fosse extremado, vinha de todos os órgãos de política externa, e essa exigência não foi prejudicada pelo controle da CIA sobre a disseminação de dados de instituições no exterior. Quando o U.S. Doctrinal Program foi iniciado, em 10 de julho de 1953,<sup>46</sup> o uso secreto de meios não-governamentais se expandia também em resposta à demanda por serviços da CIA, que vinham de ramos de governo não relacionados ao complexo diplomático.<sup>47</sup>

Em se tratando das metas do programa ideológico, a Fundação Ford era considerada a mais competente instituição norte-americana, espécie de vanguarda nas atividades de atração aos intelectuais, por ultrapassar o antiamericanismo em sua atuação, e por desenvolver uma agenda politicamente útil ao projeto do Conselho de Segurança Nacional, da Junta e de seu sucedâneo, a Coordenadoria de Operações (1953-1961), justamente em áreas visadas, como a Índia, o Sudeste Asiático, o Oriente Médio e a Europa Ocidental.<sup>48</sup>

Exploitation”, de 12 de fevereiro de 1948. ESDN: CIA-RDP85S00362R000600120007-5. In: NARA. General CIA Records. CREST: 25-Year Program Archive.

45 A normatização restringiu a prática de investigação e interrogatório de civis, viajantes e retornados do exterior, que antes de 1953 era autorizada para outras agências. Também foi regulado o serviço dentro da própria CIA, que passou a ser uma atividade de especialistas, vetada para funcionários não graduados. Vide: norma de inteligência “Director of Central Intelligence Directive Nº. 7/1. Domestic Exploitation of Non-Governmental Individuals Approaching Intelligence Agencies”, de 1 de outubro de 1953. ESDN: CIA-RDP85S00362R000600120007-5. In: NARA. General CIA Records. CREST: 25-Year Program Archive.

46 O Programa esteve sob a responsabilidade de Cord Meyer Jr. Allen W. Dulles o nomeou naquele mês para dirigir a International Organization Division (IOD), uma divisão especial de operações secretas responsável pela proposta de atração dos intelectuais de esquerda. Ocupou esta posição até 1962. Vide: memorando do chefe de Guerra Política e Psicológica [da Junta de Estratégia Psicológica] para o diretor da CIA, de 23 de julho de 1953, ESDN: CIA-RDP80R01731R003200050010-5; e memorando “Implementation of PSB D-33, the U.S. Doctrinal Program”, de Allen W. Dulles para o diretor em exercício da Junta de Estratégia Psicológica, de 1 de agosto de 1953, ESDN: CIA-RDP80-01065A000200080004-4. In: NARA. General CIA Records. CREST: 25-Year Program Archive.

47 Memorando “Coordination of Economic, Psychological and Political Warfare and Foreign Information Activities (NSC Actions nº., 1183 and 1197).”, do diretor do Departamento de Orçamento para o Presidente [Eisenhower], de 29 de janeiro de 1955, p. 4. In: NARA. Record Group 59: Department of State. Policy Planning Council (1961-1969). Series: Subject Files, 1954-1962. Box 95. Manual, “Operations Coordinating Board. A descriptive statement of the organization, functions, and procedures of the OCB”, edição de setembro de 1955, ESDN: CIA-RDP80B01676R002700040035-3. In: NARA. General CIA Records. CREST: 25-Year Program Archive.

48 Projeto “U.S. Doctrinal Program (for Board Approval)”. Apenso do memorando de George A. Morgan [diretor interino da Junta de Estratégia Psicológica], de 5 de maio de 1953, pp. 3-5. Memorando à Junta de



### A Fundação Ford e a proposta de atração aos intelectuais

A Fundação Ford desfrutava de rara credibilidade, razão por que era considerada o canal modelo na proposta de atração. A desconfiança de estudantes e intelectuais em relação a instituições norte-americanas, as governamentais particularmente, aparentemente não afetava a Fundação, já que seu trabalho de relações públicas era competente em convencer que a organização era independente de governos e politicamente livre e neutra no desenvolvimento de sua agenda de apoio a intelectuais e grupos de pesquisa.<sup>49</sup>

Beneficiários da Fundação Ford já estavam desenvolvendo projetos considerados importantes para a realização do programa ideológico, uma vez que certos compromissos institucionais da organização filantrópica eram também metas do U. S. Doctrinal Program. Três desses princípios de atuação da Fundação, segundo a CIA e o Departamento de Estado, eram os mais estratégicos:

- a) o apoio à construção de propostas sofisticadas de crítica ao marxismo;
- b) o desenvolvimento de projetos de reforma universitária, visando à formação de elites intelectuais e dirigentes, a melhor divulgação do saber acadêmico e a incorporação de “minorias sociais”; e
- c) a criação institucional e o estabelecimento de redes políticas, para consolidação da atuação de aliados e beneficiários.

Até por ser uma instituição anticomunista, era notável que a Fundação Ford conseguisse ser um mediador político entre órgãos governamentais e não-governamentais, e uma ligação importante entre estas duas instâncias e grupos intelectuais e estudantis de esquerda, nas várias áreas geográficas da ofensiva. Razão por que, além de bem conceituada, sua atuação era tão valiosa.<sup>50</sup>

Estratégia Psicológica, “Combatting (sic) Communist Influence among Students and Intellectuals”, de 27 de julho de 1953, p. 4-6. Memorando “Communist Influence among Students and Intellectuals”, de S. Everett Gleason [vice-secretário-executivo do Conselho de Segurança Nacional] para o general Robert Cutler [assistente especial ao Presidente para Questões de Segurança Nacional], de 26 de junho de 1953; e carta de Robert Cutler para George [A. Morgan], de 29 de junho de 1953. ESDN: CIA-RDP80-01065A000200080005-3. In: NARA. General CIA Records. CREST: 25-Year Program Archive.

49 Memorando à Junta de Estratégia Psicológica, “Combatting (sic) Communist Influence among Students and Intellectuals”, de 27 de julho de 1953, pp. 4-5. Essa competência da Fundação Ford para projetar-se como independente era notável, uma vez que se sabe que sua atuação internacional estava ancorada principalmente em políticas do Departamento de Estado e na colaboração com órgãos de política externa dos EUA. Vide, para uma introdução temática: CHAVES, Wanderson. “A Fundação Ford e o Departamento de Estado Norte-Americano: a montagem de um modelo de operações no pós-guerra”. *Revista Crítica Histórica*, v. 6, n. 11, 2015.

50 Memorando à Junta de Estratégia Psicológica, “Combatting (sic) Communist Influence among Students and Intellectuals”, de 27 de julho de 1953, passim.

A Fundação Ford, no desenvolvimento institucional de órgãos editoriais e acadêmicos, e com o patrocínio ao intercâmbio internacional, à promoção de eventos e à concessão de bolsas de estudo, promoveu uma intervenção profunda nas áreas de Ciências Sociais e Economia, alavancando interesses temáticos, campos disciplinares e novas áreas de intervenção para o universo das humanidades. O impacto foi estrutural e se apresentou na forma de mobilização intelectual para a formulação de teorias da modernização, para a construção de aplicações técnicas para as políticas de desenvolvimento, e, através do campo dos estudos comparativos e de Relações Internacionais, para a produção de saber especializado sobre regiões e questões do cardápio de preocupações da política externa norte-americana. O American Council of Learned Societies (ACLS) e o Social Science Research Council (SSRC), em políticas de pesquisa acadêmica; o Institute of International Education (IIE) e o American Universities Field Staff, Inc. (AUFS), no intercâmbio estudantil; e a Association of American University Presses (AAUP), em políticas de divulgação acadêmica; eram exemplares de uma política de forte intervenção administrativa e de pesados investimentos da Fundação, que voltou importantes instituições para essa proposta de intervenção no mundo das ideias.<sup>51</sup>

As universidades, naturalmente, eram a primeira frente dessa proposta de intervenção. Iniciou-se pelos EUA, com a criação de grupos interdisciplinares de pesquisa acadêmica sobre comunismo e países comunistas, investimento pioneiro em Ciências Sociais fundamental na fundação dos “estudos de área”. Tratava-se da criação de centros de estudos sobre Leste Europeu, União Soviética, Oriente Médio e China, destacadamente os das universidades de Harvard, Cornell, Columbia, Stanford e Michigan State, que a Fundação Ford e o Departamento de Estado mantinham financeiramente desde 1950, e que se tornaram muito influentes. O trabalho apoiado era o da realização de grandes inventários de História e Ciência Política, centrado em temas de política partidária e política econômica comparada, e em pesquisas sobre modernização, desenvolvimento econômico, recepção de propaganda e formação de elites e classes sociais. O esforço reverteu em produção de conhecimento teórico de nível acadêmico e consolidação de um repertório e um modelo de atuação que foi estendido à operação em outras áreas de interesse, como a dos estudos sobre o subdesenvolvimento, que a Ford e o Departamento de Estado subsidiaram no Massachusetts

51 MAGAT, Richard. *Ford Foundation at Work: Philanthropic Choices, Methods, and Styles*. New York: Plenum Press, 1979, pp. 93-161. BERMAN, Edward H. *The Influence of Carnegie, Ford, and Rockefeller Foundations on American Foreign Policy: The Ideology of Philanthropy*. Albany: State University of New York Press, 1983, especialmente cap. 4.

Institute of Technology (MIT) e na Universidade de Chicago, intervenção que resultou em impactos diretos na reflexão e construção das políticas do desenvolvimentismo.<sup>52</sup>

Além da frente universitária, havia a frente de publicações, que constituía, da ótica do governo norte-americano, uma fronteira política tecnicamente complexa. Eisenhower havia lançado, à mesma época da edição do programa ideológico, em 1953, várias medidas que pretendiam superar a estratégia soviética, bem sucedida editorialmente, de grande variedade de traduções e tiragens, preços baixos, boas estratégias de distribuição, e adequação de materiais ao gosto do alto público intelectual. O presidente, ao aprovar entre as medidas a redução de impostos, custos postais, barreiras alfandegárias e taxas cambiais, pretendeu principalmente baratear o livro norte-americano, mas, paralelamente, também tomou medidas relativas à distribuição. Da Casa Branca, do President's Emergency Fund for International Affairs, foram direcionadas verbas à Franklin Publications Inc. e a Arlington Press, duas grandes editoras, para que melhorassem a logística editorial no exterior, e que garantissem preços competitivos com suas publicações subsidiadas.<sup>53</sup>

O grande chamariz da Fundação Ford, nesse terreno dominado pela exemplaridade soviética, era a experiência em distribuição e no estabelecimento de publicações, particularmente as que buscavam alcançar o público arredo e exigente, chamado de *highbrow*. A Junta de Estratégia Psicológica já havia notado seu esforço, elogiando seu desempenho na consolidação de uma logística de divulgação e distribuição na Europa Ocidental, que trouxera redução de preços, e o padrão editorial de suas publicações e da crítica anticomunista dirigida nesse material ao público intelectual, que estaria tendo impacto regional na competição editorial com a União Soviética.<sup>54</sup>

Tratava-se, nesse diagnóstico positivo, da Intercultural Publications, órgão da Fundação especializado em produção e distribuição de livros e revistas de natureza cultural, artística e jornalística, que atuava principalmente na Europa Ocidental, Índia e Leste Europeu. *Perspectives*, revista quadrimestral de artes e literatura norte-americana

52 CUMINGS, Bruce. *Boundary Displacement: Area Studies and International Studies During and After the Cold War*; GENDZIER, Irene L. "Play It Again Sam: The Practice and Apology of Development". In: SIMPSON, Christopher (E.). *Universities and Empire: Money and Politics in the Social Sciences during the Cold War*. New York: New Press, 1998.

53 Relatório "Report on Reduction of Postal Rates on American Books Going Abroad", da Coordenadoria de Operações, 7 de dezembro de 1955, anexo A, pp. 1-2; e minutas de discussão de mesa-redonda, sem data. In: NARA. RG 59: Department of State. Executive Secretariat (1954-1964). Subject and Special Files, compiled 1953-1961, documenting the period 1952-1961. Box 39.

54 Projeto "U.S. Doctrinal Program (for Board Approval)". Apenso do memorando de George A. Morgan [diretor interino da Junta de Estratégia Psicológica], de 5 de maio de 1953, anexo A, pp. 6-12.

contemporânea, era seu maior empreendimento.<sup>55</sup> Eram quatro edições nacionais principais, publicadas na Inglaterra, França, Itália e Alemanha, além de versões adaptadas para a Índia, Holanda e Japão e o próprio EUA. Desde 1952, vendida a preços módicos, para atrair especialmente o público de estudantes universitários, essas edições nacionais registravam uma tiragem média entre 40 e 50 mil exemplares. Distribuída para 60 países, principalmente como encarte do *Atlantic Monthly*, importante mensário norte-americano de cultura e política, e obtendo boa acolhida entre o público que freqüentava as bibliotecas da USIA na Europa,<sup>56</sup> *Perspectives* chegou a tiragens de 250 mil exemplares.<sup>57</sup>

Apesar dos números apresentados, as altas tiragens não foram tratadas como uma indicação de sucesso, particularmente após ter sido feita uma avaliação da acolhida da publicação na França. Harold Kaplan e John Brown, diretores licenciados da editora Houghton-Mifflin, e Frederick H. Burkhardt, presidente da ACLS, viajaram como consultores por toda a Europa, em 1954, para avaliar o impacto da revista para a Fundação, e identificaram problemas de recepção. A grande falha do projeto era seu fracasso em alcançar o leitor *highbrow* francês, informação decisiva, já que tomavam a realização de toda a política pela aceitação por esse público. O diagnóstico era o de que não ser lido na França, nos altos círculos intelectuais, definiria ausência de influência e poder de irradiação, e, tendo em vista os quadros de esquerda serem significativos nesse meio, incapacidade em tocar esse universo tão visado. Na Fundação Ford, a orientação foi pela redefinição de estratégias. O patrocínio à Intercultural foi encerrado em setembro de 1954, com as últimas edições ainda subsidiadas lançadas em outubro de 1956, com o argumento de que a meta de divulgar material norte-americano não foi alcançada entre o público mais ilustrado dos formadores de opinião.<sup>58</sup>

Mas havia outra motivação quase tão importante, já que a decisão para o término do financiamento, tomada na Divisão de Assuntos Internacionais da Fundação, também elencava outras razões. Shepard Stone, diretor dessa Divisão desde 1953, era o articulador do projeto de uma nova política de publicações, na qual o debate de temas de cultura e política substituiria a da divulgação direta da arte norte-americana, medida que era dirigida particularmente ao segmento recalcitrante da esquerda não-comunista. *Der Monat*, revista alemã já patrocinada pela Fundação Ford, uma publicação da rede de periódicos do Congresso

55 A Intercultural também supervisionava duas publicações menores: *Diogene*, revista da UNESCO dirigida por Roger Caillois, e *Confluence*, revista da Universidade de Harvard dirigida por Henry Kissinger.

56 BARNISHEL. *Op. cit.*, cap. 5.

57 As tiragens não oscilavam muito em razão do montante de vendas, já que a Fundação Ford se comprometia com o pagamento dos custos totais das edições. TOURNÈS, Ludovic. "La diplomatie culturelle de la Fondation Ford: Les éditions Intercultural Publications (1952-1959)". In: *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*. N. 76, 2002, p. 67 et seq.

58 BARNISHEL. *Op. cit.*, cap. 5.

pela Liberdade da Cultura (CCF), era apresentada como a referência desse novo padrão editorial.<sup>59</sup>

O CCF, uma organização baseada em Paris, anteriormente estabelecida em Berlim, em 1950, era uma frente secreta da CIA, criada para fornecer respostas mais sofisticadas às “Campanhas Pela Paz Mundial”, com a qual a Fundação mantinha um grande portfólio de financiamentos, além de estreitas afinidades. O CCF havia se tornado fundamental na estratégia da Agência de composição de uma frente de oposição à URSS, identificada à renovação das tradições e literatura de esquerda e à abertura intelectual para a política e cultura norte-americana com suas organizações e publicações.<sup>60</sup> Para a Fundação, essas atividades traziam uma solução de enraizamento, na produção de material e vínculos locais, que era importante para o estabelecimento da credibilidade nacional e internacional das publicações e para afastar as críticas antiamericanas.<sup>61</sup>

Shepard Stone, proveniente do Alto Comissariado para a Alemanha Ocupada (1948-1952), onde iniciou o patrocínio a *Der Monat* e sua trajetória pessoal de agenciamento de organismos e lideranças para o Departamento de Estado, a CIA e a Fundação Ford,<sup>62</sup> buscava alinhar essa política às novas resoluções de 1955 do CCF, que traziam inúmeras novidades. O Congresso pela Liberdade da Cultura, na conferência de Milão realizada naquele ano, sinalizou que o momento era de deslocamento do campo de batalha ideológico da Guerra Fria, com a morte de Stálin, em 1953, e a conferência de Bandung, alguns meses antes, em abril. O nacionalismo anticolonial, o não-alinhamento e os experimentos socialistas da periferia do mundo ocidental representariam, após o avanço da desestalinização da União Soviética e o término da de-nazificação da Europa, o terreno de radicalismo onde se desenvolveria a futura arena de disputa contra o antiamericanismo e a agenda internacional dos EUA. A Fundação Ford, alinhada a essa orientação, avaliou que não eram necessárias mais revistas além das existentes para a Europa Ocidental – o fim ao patrocínio da Intercultural era explicitado nestes termos –, porque a busca pelo formador de opinião, em geral, e pelo intelectual de esquerda, em particular, estava se deslocando para o mundo em “desenvolvimento”.<sup>63</sup>

59 *Ibidem*; BERGHAHN, Volker R. *America and the Intellectual Cold Wars in Europe: Shepard Stone between Philanthropy, Academy, and Diplomacy*. Princeton; Oxford: Princeton University Press, 2001, cap. 8.

60 SAUNDERS. *Op. cit.*, pp. 17, 63, 98. Nos anos 1950 e 1960, o CCF desenvolveu extensa agenda institucional, com a realização de programas de intercâmbio, promoção de eventos artísticos e acadêmicos internacionais, proteção de intelectuais e artistas censurados e ameaçados e coordenando uma rede global de periódicos.

61 BARNISHEL. *Op. cit.*, cap. 5.

62 SAUNDERS. *Op. cit.*, cap. 9.

63 ENGLE, Megan C. *The Congress for Cultural Freedom, Modernization, and the Cultural Cold War in Anglophone Africa, 1958-1967*. 2014. 209 f. Tese (Doutorado) – Graduate School of Binghamton University,

A Fundação pretendia que o CCF compusesse sua frente ampla de atração de lideranças nessas novas regiões de interesse, buscando, nesse ajuste de prioridades, a transposição do padrão de atuação dos seus órgãos e periódicos, que era o apoio à construção de regimes políticos de orientação ocidental, parlamentar e democrática e o suporte a vozes influentes e moderadas. Mas, como ficara explícita na escolha por não realizar uma oposição vocal à conferência de Bandung, a orientação para a periferia do mundo ocidental não seria mais a do anticomunismo e do antineutralismo militantes, que tinham sido determinantes até então. Para o sociólogo da Universidade de Chicago, Edward Shills, estes postulados deveriam ser substituídos pela apologia do desenvolvimento. Shills, além de estar entre os responsáveis por definir essa reorientação programática do CCF para projetos de *nation building*, nos marcos da modernização desenvolvimentista, também teve participação na escolha da jovem classe média como alvo central da ofensiva. Segundo ele, a opção por esses jovens se explicava pelo enorme peso que seu grupo social de origem, a elite intelectual urbana, tinha no desencadeamento de mudanças políticas em sociedades “tradicionais” e “atrasadas”. A radicalização para o nacionalismo e a verificada permeabilidade deles à propaganda comunista seria ainda mais preocupante que em países “desenvolvidos”, em razão da influência desproporcional de seu segmento na consolidação da opinião pública nessas sociedades. O esforço, recomendado por Shills ao CCF, era o de construção de novas mensagens políticas e estratégias de agenciamento dirigidas a jovens entre 25 e 35 anos, orientadas a potenciais lideranças políticas e culturais, para tomá-los do radicalismo e atualizá-las à proposta de ordem norte-americana e ocidental.<sup>64</sup>

A demanda de Edward Shills era congruente com um princípio fundamental da política de recursos humanos da Fundação Ford, a formação de elites. Mas especificava a meta particular do combate ao “provincianismo”, foco que ela, o Departamento de Estado e a CIA vinham estabelecendo como aspecto integral de sua atuação em relação aos jovens e intelectuais, e entre os objetivos de sua missão modernizadora para áreas como América Latina e Caribe. As “novas classes médias” dessas duas regiões representariam mundialmente o caso mais grave, por serem, segundo análises da CIA, as menos internacionalizadas e as mais ignorantes da realidade norte-americana. O fenômeno era explicado pelo caráter pouco “orgânico” de sua existência, já que esse segmento vinha aparecendo na arena pública separado política e socialmente das tradicionais elites proprietárias de seus países, emergindo identificado à esquerda e a posições de protesto contra o establishment. Esse descolamento

State University of New York, Binghamton, 2014, cap. I.

64 *Ibidem*, cap. I.

característico teria consolidado princípios de orientação e comportamento negativos nesse segmento social, particularmente:

- a) o marxismo;
- b) o ceticismo, no descrédito da propaganda norte-americana, particularmente a sobre a resolução satisfatória do racismo nos EUA;
- c) o “radicalismo”, na defesa do estatismo como meio de resolução das reformas sociais.<sup>65</sup>

A pretensão do governo norte-americano, com a edição do NSC 5432/1, documento do Conselho de Segurança Nacional que estabeleceu estudantes e universidades entre as prioridades do orçamento do país para as Américas, era justamente a de desfazer o processo de descolamento desse segmento jovem.<sup>66</sup> Aprovado em 1955, ele definiu pesados investimentos em intercâmbio e cooperação técnica, tendo metas amplas de renovação das imagens dos Estados Unidos e reorientação da dinâmica política regional. Esperava-se dessa nova programação, voltada à inserção desses segmentos de classe média em circuitos globais cosmopolitas e pró-ocidentais, a superação da “imaturidade” juvenil e intelectual deles para problemas das relações internacionais e Guerra Fria, o baixo nível acadêmico e a “esquerdização” pelo marxismo.<sup>67</sup> Dessa experiência de formação e filiação a novas redes, pretendia-se a fundação e adesão popular a um nacionalismo identificado à coalizão com os

65 Essas análises, que constaram nas estimativas de inteligência (NIEs) da CIA para América Latina e Caribe dos anos 1950, também se estendiam, com ênfases e destaques menos superlativos, às demais regiões do mundo em “desenvolvimento”. Vide: NIE 70 (Conditions and Trends in Latin America Affecting US Security), de 12 de dezembro de 1952, pp. 2-3. Disponível em: «<http://pt.scribd.com/doc/57527817/Conditions-Adn-Trends-in-Latin-America-Affecting-US-Security>». Acesso em: 01 ago. 2011. “NIE 80/90-55 (Conditions and Trends in Latin America)”, de 6 dezembro de 1955. In: UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE. *Foreign Relations of the United States, 1955-1957, volume VI. American Republics: multilateral; Mexico; Caribbean*. Washington DC: U.S. Government Printing Office, 1987, p. 19-20. “NIE 80/90-58 (Latin American Attitudes toward the US)”, de 2 de dezembro de 1958. In: UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE. *Foreign Relations of the United States, 1958-1960, volume V. American Republics*. Washington DC: U.S. Government Printing Office, 1991, pp. 60, 63-71.

66 Relatório “Progress Report on NSC 5432/1 United States Objectives and Courses of Action with Respect to Latin America”. de 19 de janeiro de 1955. In: UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE. *Foreign Relations of the United States, 1952-1954, volume IV. The American Republics*, pp. 101, 106-9.

67 Relatório “Special Report on Latin America (NSC 5613/1)”, de 26 de novembro de 1958; e documento do Conselho de Segurança Nacional, “5902/1. Statement of U.S. Policy toward Latin America”, de 16 de fevereiro de 1959. In: UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE. *Foreign Relations of the United States, 1958-1960, volume V. American Republics*. pp. 45-6 e 98.

Estados Unidos, capaz de deslocar as bases estudantis, sindicais, artísticas e acadêmicas das influentes organizações comunistas.<sup>68</sup>

As metas da política de formação de quadros intelectuais da Fundação Ford, dirigidas ao mundo em “desenvolvimento”, eram as mesmas da do governo norte-americano, e eram precursoras. Quando abriu seus primeiros escritórios na Ásia e no Oriente Médio, em 1952, e na África, em 1958, seus programas, que estavam vinculados a um esforço mais amplo de reforma universitária, já se orientavam para a formação desse novo tipo humano. Seria um profissional atualizado à teoria de ponta em Ciências Sociais, empenhado em formular análises e ideologias autóctones, que respondessem positivamente ao princípio capitalista de desenvolvimento.<sup>69</sup>

Precursor também era seu esforço em relação aos estudos africanos e latino-americanos. Quando a África e a América Latina se tornaram prioritárias na política externa dos EUA, no fim dos anos 1950, devido à Revolução Cubana e à escalada no processo de descolonização, os melhores centros de estudos norte-americanos eram patrocinados pela Fundação Ford. Como anteriormente, com os estudos asiáticos e sobre o comunismo, trabalhava-se a formação de mão de obra e elites dirigentes de nível superior e a elevação da qualidade da informação disponível aos órgãos de governo.<sup>70</sup> A Fundação havia designado, ainda em 1955, que um comitê acadêmico formado por SSRC e ACLS gerisse a área de estudos africanos, impulsionando os grupos das universidades de Boston, Northwestern, Chicago, Wisconsin, Berkeley, Stanford, Indiana, Columbia, Yale, Howard e Michigan State para influenciar o desenvolvimento da especialidade.<sup>71</sup>

O mesmo mecanismo de gestão SSRC-ACLS foi empregado, já em 1956, para sustentar centros de pesquisa sobre América Latina, repetindo-se as metas aplicadas aos demais estudos de área, que eram o impulso ao intercâmbio acadêmico, à publicação de livros e revistas, a consolidação de órgãos de classe e a oferta de prêmios e bolsas internacionais de pós-graduação. Na frente norte-americana, privilegiou-se a impulsão aos grupos estabelecidos nas universidades de Columbia, Harvard e Minnesota, em Austin, na Universidade do Texas, e em Berkeley e Los Angeles, na Universidade da Califórnia, investimento em uma rede de

68 “Memorando de discussão do 369º encontro do Conselho de Segurança Nacional”, de 19 de junho de 1958. In: UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE. *Foreign Relations of the United States, 1958-1960, volume V. American Republics*, p. 29.

69 Item de súmula “Social Science Research Council: Strengthening Latin American Studies”, com data de 21-22 de junho de 1962. In: Rockefeller Archive Center (de agora em diante, RAC). Ford Foundation Records. Grant Files. Reel nº. 2629. Grant Number 62-359.

70 SUTTON, Francis X. The Ford Foundation’s Development Program in Africa. *African Studies Bulletin*, v. 3, n. 4, 1960, p. 2; KINGSLEY, J. Donald. The Ford Foundation and Education in Africa. *African Studies Bulletin*, v. 9, n. 3, 1966, p. 2.

71 SUTTON, Francis X.; SMOCK, David R. The Ford Foundation and African Studies. *Issue: A Journal of Opinion*, v. 6, n. 2/3, Africanist Studies 1955-1975, Summer – Autumn, 1976, pp. 68-70.



especialistas que desencadeou, anos mais tarde, em 1965, a fundação da Latin American Studies Association, a LASA.<sup>72</sup> Na frente latino-americana, destacou-se desde os primeiros momentos a sustentação aos órgãos de pesquisa e formação da CEPAL – a FLACSO (Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, 1957) e o ILPES (Instituto Latino-Americano de Planejamento Econômico e Social, 1962), de Santiago, e o CLAPCS (Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, 1957), do Rio de Janeiro, para a aplicação desses objetivos.<sup>73</sup>

Tratava-se, nessa estratégia de atração dos intelectuais da América Latina e Caribe, de uma divisão de tarefas que ia além das afinidades existentes entre as políticas da Fundação Ford e as do governo norte-americano. A Fundação firmou certos compromissos com os órgãos de política externa quanto à realização de contatos e vínculos institucionais, dentre eles, o mais importante era o de que ela fosse o primeiro e principal canal acionado para realizar as abordagens. A reivindicação foi feita em nome do sucesso da agenda dos EUA, pois, segundo a Ford, havia a necessidade de operadores como ela, dotados de uma imagem de autonomia que estava ausente da maioria dos programas existentes, como o da United States Agency for International Development (USAID).<sup>74</sup> O problema da proposta de treinamento técnico da USAID era sua conexão governamental, repelente para o público visado, limitação que as bolsas acadêmicas da Comissão Fulbright, do Departamento de Estado, e as bolsas de intercâmbio da Organização dos Estados Americanos (OEA) também teriam.<sup>75</sup> Privilegiar a Fundação no plano de renovação de elites, de construção de redes acadêmicas e compromissos intelectuais, permitiria, segundo a instituição, a seleção dos bons quadros que não estavam nos programas oficiais. Além disso, abriria oportunidades para o governo dos EUA, que poderia obter do recrutamento de ex-beneficiários a elevação da credibilidade de suas políticas.

72 Memorando de 1 de junho de 1966, do Social Science Research Council; memorando de 9 de junho de 1969, de Kalman H. Silvert para Harry E. Wilhelm. In: RAC. Ford Foundation Records. Grant Files. Reel nº. 2629. Grant Number 62-359.

73 Memorando de Melvin J. Fox para Clarence H. Faust e John B. Howard, de 7 de dezembro de 1961. In: RAC. Ford Foundation Records. Grant Files. Reel nº. 2629. Grant Number 62-359. Relatório de Kalman H. Silvert, “Draft statement of policy guidelines for social sciences in Latin America”, de 27 de janeiro de 1969. In: RAC. Ford Foundation Records. Reports. N.º 008774.

74 Órgão que substituiu a International Cooperation Administration, extinta em 1960.

75 A OEA e a União Pan-americana eram importantes áreas de atuação da CI, o serviço de contra-inteligência da CIA. Cf.: Relatório “Progress Report to the National Security Council on Implementation of the Recommendations of the Jackson Committee (NSC Action 866)”, da Coordenadoria de Operações, 30 de setembro de 1953, anexo A, p. 6.

Da parte da Fundação Ford, tratava-se de regular as interações de seus beneficiários de forma a não serem confundidos nem tragados por associações públicas<sup>76</sup> ou secretas com governos.<sup>77</sup>

Era por razões como essas que a Fundação veio a se considerar a única instituição ainda capaz de assegurar que a “internacionalização” das elites latino-americanas se desse em nome da Aliança para o Progresso.<sup>78</sup> Argumentava que não haveria quem pudesse usar os instrumentos e recursos do governo norte-americano e sustentar ao mesmo tempo ter autonomia em relação aos Estados Unidos, o que seria necessário em tempos de euforia com a Revolução Cubana. A composição de novos círculos e padrões de interação regional e global se voltaria para canais privados. A Fundação Ford pretendia adaptar a experiência européia dos encontros de Bilderberg, que reunia regularmente, desde 1954, lideranças do establishment político, econômico e intelectual da “comunidade atlântica” para conclaves confidenciais. Nas Américas, a Fundação realizaria o trabalho de curadoria que na Europa cabia ao príncipe Bernhardt, da Holanda, e, como nos encontros de Bilderberg, utilizaria este fórum para estimular as lideranças e pessoas notáveis convidadas a estabelecerem canais informais extra-oficiais de deliberação política continental.<sup>79</sup>

A franquia americana desses encontros recebeu o nome de *Encuentros Siglo XX*, e durou entre 1965 e 1970. Seus mentores principais eram Lincoln Gordon, que era então o embaixador norte-americano no Brasil, e Arthur M. Schlesinger Jr., professor da Universidade de Harvard que foi um dos *brain trust* da administração Kennedy, como intelectual do partido Democrata. Eles ajudaram a definir a elaboração de uma nova forma de intervenção, pretendida como menos dependente das medidas macro-políticas e macro-econômicas, que então naufragavam nos esforços da Aliança para o Progresso, e que fosse orientada para

76 Memorando para arquivamento “Specific Operational and Other Features of the Project”, produzido por [Melvin J.] Fox, junho de 1962. In: RAC. Ford Foundation Records. Grant Files. Reel nº. 2629. Grant Number 62-359.

77 Beneficiários da Fundação estavam proibidos de trabalhar para os serviços de inteligência do governo norte-americano durante a vigência de bolsas. A decisão, avalizada já em 1952 por John J. McCloy, estabeleceu trocas com a comunidade de informações. A CIA não assediaria ou recrutaria bolsistas até o término de seus trabalhos, mas a Ford a manteria, como contrapartida, informada de suas atividades de campo e pesquisa. Vide: carta de John K. Weiss [secretário-executivo da Fundação Ford] para Dean Acheson [secretário-de-Estado], de 19 de setembro de 1952. In: RAC. Ford Foundation Records. Reel nº. 1157. General Correspondence, 1952. GORDON, Leonard A. “Wealth Equals Wisdom? The Rockefeller and Ford Foundations in India”. In: *Annals of the American Academy of Political and Social Science*. V. 554, The Role of NGOs: Charity and Empowerment, (Nov., 1997), pp. 113-4.

78 O programa, lançado em março de 1961, era um chamamento às forças nacionalistas e progressistas para que optassem pela proposta política norte-americana, contra a proposta “fidelista”. Originalmente um programa de assistência econômica, previa e exigia dos signatários compromissos com reformas econômicas e sociais.

79 Relatório de Forrest Murden, “A Bilderberg for Latin America”, de 4 de junho de 1963. In: RAC. Ford Foundation Records. Reports. Nº. 010878.

estratégias de disputa de hegemonia no campo cultural. Eram três as grandes áreas de concentração previstas:

- a) o monitoramento das esquerdas, como temática acadêmica;
- b) a reflexão sobre a “transição democrática” nas condições regionais de “desenvolvimento”; e
- c) a construção de bases não-totalitárias e de proteção dos direitos humanos em partidos populares e cristãos dos regimes da região.<sup>80</sup>

Esse programa já vinha sendo construído em eventos preparatórios aos *Encuentros*, como na *Conferência sobre as tensões no desenvolvimento no Hemisfério Ocidental*, em Salvador, em agosto de 1962. O sociólogo argentino Gino Germani apresentou, naquela ocasião, a síntese mais abrangente do projeto de disputa das esquerdas em elaboração. Ela definia novas problemáticas, como a da construção de modelos de “transição democrática” e a da criação de focos e temáticas para o debate de direitos humanos. Sua comunicação, um programa de desenvolvimento político regional, trazia estratégias para que a América Latina transitasse para a forma das “sociedades industriais” dos EUA e Europa Ocidental de forma “funcional e equilibrada”. Os “grupos marginalizados” e a instabilidade era seu grande tema, identificando nos grupos de países formados por Argentina, Venezuela e Chile, e Brasil e México, respectivamente, os casos mais complexos. No primeiro grupo, o problema estaria nos “grupos sociais modernos”, que não estavam “integrados”, mas estavam politicamente mobilizados; e no segundo, era o distanciamento entre uma “população moderna integrada” e uma enorme população “tradicional”, possivelmente perigosa e imprevisível na forma e escala de mobilização. Tratava-se dos jovens e da classe média e do temor do descolamento entre segmentos de elite e de classe, questões que sugeriam esforços específicos, segundo Germani. Em nome da estabilidade do desenvolvimento econômico e da evolução da “democracia representativa” nestes países, grupos já “modernizados” deveriam ter canais próprios de integração político-social, e os “marginalizados” da modernização – tradicionais e “modernos não-integrados” – deveriam ser desmobilizados enquanto sua força disruptiva não encontrasse formas de acomodação e estabilidade.<sup>81</sup>

80 Carta de Alberto Lleras para Joseph E. Slater, fevereiro de 1965. In: RAC. Ford Foundation Records. Joseph. E. Slater Papers. Box 20.

81 Para Germani, o Uruguai representava o caso mais bem resolvido de modernização e integração. Quanto aos demais países, o problema parecia a ele mais relacionado à incapacidade das elites de exercerem a liderança dos processos de modernização que a uma disputa real de posição e projeto. Vide: Gino Germani, “Cambio social y conflictos entre grupos”, documento básico 7, Conferencia sobre tensiones en el desarrollo del hemisferio occidental [6-11 de agosto de 1962]. In: RAC. Ford Foundation Records. Joseph. E. Slater Papers. Box 26.

A Fundação Ford, na promoção dessa agenda de mudança baseada em princípios de segurança e centros bem definidos de autoridade, manteve-se sempre presa às estratégias que deram origem ao Programa Ideológico. Antes da reformulação das temáticas de sua política de formação de quadros e atração das esquerdas, concluída nos anos 1980 com a disputa dos direitos humanos e do multiculturalismo como prioridades de um novo consenso liberal,<sup>82</sup> a batalha por “corações e mentes” ainda era travada na esfera ainda bem estabelecida do projeto civilizatório das políticas de modernização, personificado, por exemplo, em instituições tão diferentes quanto o Center for Interamerican Relations (CIAR) e a CEPAL.<sup>83</sup>

Pela CEPAL passara toda uma investida na adesão à formulação da teoria da dependência, na qual a defesa da acomodação ao fluxo internacional de capitais era acompanhada de uma busca por atualização de elites e programas, para que uma nova “vanguarda (burguesa)” soubesse realizar o progresso rumo a novas etapas de desenvolvimento.<sup>84</sup> Órgão de divulgação cultural ligado à família Rockefeller, o CIAR era considerado a melhor encarnação dos objetivos institucionais traçados nos *Encuentros Siglo XX*, segundo a Fundação Ford. Ao promover o *boom* da literatura latino-americana, disputando com a então influente Casa de las Americas, de Havana, o curso desse movimento,<sup>85</sup> a organização teria elevado o nível de socialização de importantes intelectuais latino-americanos entre si e entre norte-americanos. O resultado dessa investida teria sido uma guinada simbólica, como era desejado. Alavancava-se uma proposta de integração continental pró-americana, realizada por latino-americanos, que situava um novo horizonte de inserção dos EUA nas narrativas regionais: menos antiamericana, ainda que crítica.<sup>86</sup>

O legado desse trabalho desenvolvido pela Fundação Ford constitui um aspecto da história do pós-guerra que ainda merece melhor tratamento, uma vez que sua investigação tem muito a dizer sobre a construção das agendas intelectuais e dos projetos políticos que vem

82 Mudança iniciada por volta de 1975. Vide: KOREY, William. *Taking on the World's Repressive Regimes: The Ford Foundation's International Human Rights Policies and Practices*. New York: Palgrave Macmillan, 2007, cap. 2 et seq.

83 A alteração de temáticas se fez também no complexo de política externa do EUA, com quem a Fundação Ford continua a manter identificação, em questões da sua esfera de atuação. Porém, ficará para estudos futuros saber se perdura o aspecto secreto do modelo de operações, estabelecido no passado na rede entre a Fundação, órgãos do governo norte-americano e beneficiários.

84 GUILHOT, Nicolas. *The Democracy Makers: Human Rights and the Politics of Global Order*. New York, Columbia University Press, 2005, especialmente cap. 3

85 COHN, Deborah. *The Latin American Literary Boom and the U.S. Nationalism during the Cold War*. Nashville: Vanderbilt University Press, 2012, cap. 4.

86 Vide: carta de Joseph E. Slater para Harry E. Wilhelm, de 23 de outubro de 1967. In: RAC. Ford Foundation Records. Joseph. E. Slater Papers. Box 1.

modelando a consciência de nosso tempo. Como boa parte da literatura prende-se à defesa apologética da “neutralidade” filantrópica,<sup>87</sup> ignora-se quão impactante tem sido sua atuação.

87 Peter D. Bell, um ex-dirigente da Fundação Ford com atuação no Brasil, produziu a versão mais difundida dessa proposta de memória institucional: BELL, Peter D. “The Ford Foundation as a Transnational Actor”. In: *International Organization*, v. 19, n. 3, 1971. Pesquisadores do país também têm aplicado essa proposta ao estudo da instituição. Vide, dentre outros: MICELI, Sérgio. “A aposta numa comunidade científica emergente. A Fundação Ford e os cientistas sociais no Brasil, 1962-1992”. In: MICELI, Sérgio (coord.). *A Fundação Ford no Brasil*. São Paulo: Editora Sumaré e FAPESP, 1993.

